



PROJETO INSTITUCIONAL DE AUTOAVALIAÇÃO DOS
PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



PROJETO DE AUTOAVALIAÇÃO

**PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**



PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO
METAS PLANEJADAS PARA O QUADRIÊNIO 2019-2022
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Programa de Pós-Graduação em Psicologia Universidade Federal da Bahia

Coordenação

Maria Virgínia Dazzani - Coordenadora
Janice Aparecida Janissek - Vice-Coordenadora

Corpo Docente

Adriano de Lemos Alves Peixoto	Luca Tateo
Andrea Hortélio Fernandes	Luciana Dutra-Thomé
Antonio Virgílio Bittencourt Bastos	Marcos Emanuel Pereira
Cristiane de Oliveira Santos	Maria Virgínia Dazzani
Denise Maria Barreto Coutinho	Marilena Ristum
Dóris Firmino Rabelo	Mônica Lima de Jesus
Elza Maria Techio	Patrícia Alvarenga
Érico Rentería Perez	Sônia Maria Guedes Gondim
Giuseppina Marsico	Sônia Maria Rocha Sampaio
Ilka Dias Bichara	Sônia Regina Pereira Fernandes
Janice Aparecida Janissek	Thatiana Helena de Lima
José Carlos Santos Ribeiro	Tiago Alfredo da Silva Ferreira
José Neander Abreu	Vania Nora Bustamante Dejo
Lia da Rocha Lordelo	

Técnico-administrativos

Aline Santos dos Santos
Ednei Bonfim Santos

Representação estudantil

Klessyo Freire
Diones Soares

Elaboração deste documento

Antonio Virgílio Bittencourt Bastos
Janice Aparecida Janissek
Sônia Maria Guedes Gondim



I. APRESENTAÇÃO

As demandas por processos de autoavaliação não constituem uma novidade para as instituições de ensino superior brasileiros. Desde a criação do SINAES¹ (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior), a autoavaliação é um dos seus pilares mais importantes. A constituição de Comissões Próprias de Avaliação (CPAs) é uma exigência legal, com representação de docentes, discentes, servidores técnico administrativos e da gestão. A ela cabe coordenar os processos de autoavaliação dos cursos de graduação, processo que se completa com a avaliação externa feita pelo INEP.

Mesmo na Pós-Graduação, desde o antigo sistema COLETA e na atual Plataforma Sucupira, há um espaço aberto para que cada Programa faça uma autoavaliação a cada ano. Tratava-se de um espaço aberto para que cada programa relatasse o processo ou resultados da autoavaliação, sem diretrizes bem definidas sobre o que era esperado.

Por estarem historicamente submetidos a um sistema de avaliação externo, com avaliações periódicas que conferem uma nota e é conduzida por comissão de pares sob a coordenação da CAPES, os programas de pós-graduação, de forma mais ou menos sistemática, sempre tiveram que se autoavaliar e tomar medidas para melhoria do seu desempenho. Aqueles que negligenciaram tal processo, certamente enfrentaram dificuldades como queda de avaliação ou até mesma seu descredenciamento. Muitas práticas autoavaliativas certamente são desenvolvidas pela maioria dos programas, quando credenciam ou descredenciam docentes; quando introduzem mudanças curriculares ou mudanças em seus processos seletivos. Tais práticas muitas vezes ganham maior consistência e complexidade quando os programas convidam avaliadores externos para avaliar seus produtos, seus processos ou seus docentes. Tais práticas, no entanto, não se inserem em um projeto estruturado e sistemático de autoavaliação para a maioria dos programas. Por outro lado, o relato de tais práticas, até então se inseriam em uma avaliação qualitativa sobre a gestão do programa, no Quesito I da antiga ficha de avaliação, quesito que não tinha um peso para a nota final do programa.

As mudanças no processo de avaliação com a proposta de uma nova ficha de avaliação dos programas pelo CTC/ES em 2019 alteraram significativamente essa realidade. Para além de demandar um planejamento estratégico - uma ferramenta de gestão que envolve o estabelecimento de metas de

¹ Criado através do Decreto 10.861, de 14 de Abril de 2004



PROJETO INSTITUCIONAL DE AUTOAVALIAÇÃO DOS
PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



médio e longo prazo consistentes com a missão e visão de futuro e de uma análise do contexto – a nova ficha requer um projeto sistemático de autoavaliação. Planejamento estratégico e Autoavaliação passam a ser dois itens que integram o Quesito I, que, na nova sistemática, tem o mesmo peso dos quesitos II e III na determinação da nota final do programa. Embora tanto o planejamento estratégico quanto a autoavaliação se insiram em um processo de avaliação que continua sendo comparativo e base para o ranqueamento dos programas, a ênfase recebida por esses dois elementos constituem uma mudança significativa e sinalizam a tendência de que o processo externo de avaliação, no futuro, se volte para acompanhar e avaliar os processos de autoavaliação, reconhecendo as diferentes vocações de cada programa. Significa, também, um estímulo aos processos de autoaprendizagem e autodesenvolvimento do programa a partir do seu planejamento estratégico. Neste sentido, planejamento estratégico não pode existir sem acompanhamento e monitoramento do seu desenvolvimento. Vale destacar, neste sentido, que o próprio PDI da UFBA prevê mecanismos de acompanhamento e autoavaliação que já estão sendo desenvolvidos.

Com base nestas considerações, a Universidade Federal da Bahia tomou a iniciativa de estruturar um projeto institucional para a autoavaliação de todos os seus Programas de Pós-Graduação. Tal projeto não implica em desestimular experiências prévias e disseminadas entre os seus programas, assim como não pretende ser um modelo único e homogêneo. Procura assegurar processos básicos de autoavaliação que podem ser complementados, enriquecidos e ampliados por cada Programa, respeitando a sua cultura e tradição nesta área.

As linhas gerais da proposta institucional são apresentadas a seguir, na parte II deste documento. Na parte III, o Programa de Pós-Graduação em Psicologia apresenta a sua proposta de projeto de autoavaliação a ser implementado assim que se supere o momento atual de pandemia do Covid-19 que trouxe profundas alterações nas atividades cotidianas do programa, inclusive a suspensão do calendário acadêmico.

II - PROJETO DE AUTOAVALIAÇÃO (PA): um roteiro para a construção do PA dos Programas de Pós-Graduação da UFBA

O projeto de autoavaliação de cada programa deve-se estruturar-se a partir do seu planejamento estratégico que definiu, coletivamente, objetivos, diretrizes e planos de ação para que o programa concretize a sua missão dentro do padrão de qualidade desejado. Neste sentido, se pudermos definir

o momento inicial do processo de autoavaliação, ele deve ser a etapa diagnóstica envolvida na elaboração do planejamento estratégico.

O Grupo de Trabalho (GT) constituído pela CAPES para estruturar a proposta de autoavaliação estabelece um conjunto de diretrizes e de questões norteadoras que devem ser consideradas, não só por serem expectativas da agência avaliadora externa, mas por efetivamente ajudarem os programas a definir o conjunto de práticas, instrumentos e reflexões envolvidas na sua autoavaliação.

A Figura 1 sintetiza as etapas e suas principais características como apresentadas no relatório do referido GT da CAPES. As cinco etapas, como se vê, mostram que o processo de avaliação deve cumprir uma missão importante no próprio programa, não sendo um exercício formal para prestar contas à agência avaliadora externa. Daí o destaque dado à etapa de USO dos resultados (sua disseminação e discussão junto a todos os integrantes do Programa). Outro aspecto importante é que o próprio processo deve ser alvo de uma avaliação (metaavaliação), no sentido de aprimorá-lo continuamente.



Figura1: Etapas do Processo de autoavaliação propostas pelo GT CAPES

Dois outros elementos fornecidos pelo referido relatório são importantes balizadores para a estruturação do nosso projeto de autoavaliação.

O Primeiro refere-se a questões norteadoras que poderão ser usadas pela CAPES para avaliar a qualidade do processo de autoavaliação dos programas. Tais questões indicam eixos que, de alguma forma, devem ser incorporados ao processo de cada programa, em instrumentos específicos.

A Figura 2 apresenta as questões sugeridas no referido documento.



- A seguir estão relacionadas algumas perguntas para nortear a CAPES na avaliação dos processos de autoavaliação adotados pelos Programas de pós-graduação.
- ✓ Quais os princípios adotados pelo Programa para sua autoavaliação?
 - ✓ Quais as metas do Programa a médio e longo prazos? A autoavaliação as considera?
 - ✓ Como o processo da autoavaliação se pauta e contribui para o planejamento estratégico do PPG a curto, médio e longo prazos?
 - ✓ Há articulação da autoavaliação do Programa com a avaliação da Instituição?
 - ✓ Como, do ponto de vista metodológico, a autoavaliação é desenvolvida?
 - ✓ Como são os mecanismos de envolvimento de técnicos, docentes e discentes?
 - ✓ Como o Programa avalia a aprendizagem do aluno?
 - ✓ Como o Programa avalia a formação continuada do professor?
 - ✓ Como o Programa avalia o desempenho do docente em sala e como orientador?
 - ✓ Como os resultados da autoavaliação contribuíram para melhorar seu Programa?

Figura2: Questões propostas para a avaliação pela CAPES dos processos de autoavaliação dos Programas de PG.

A Figura 3 apresenta o conjunto de questões norteadoras que o referido documento sugere para os próprios Programas, estabelecendo, assim, algumas diretrizes sobre elementos que devem estar presentes nos seus projetos específicos.

Sucesso do aluno

- ✓ Quais os parâmetros de avaliação da qualidade para as teses e dissertações do Programa?
- ✓ Como o Programa determina a aprendizagem do aluno?
- ✓ Quais as razões da evasão discente?

Sucesso do professor e dos técnicos

- ✓ Há avaliação da qualidade da orientação?
- ✓ Qual a política de capacitação docente e técnica do Programa? Ela é articulada com a Instituição?
- ✓ Qual a definição da qualidade do ensino, considerando o professor em sala de aula?
- ✓ Qual a definição da qualidade do apoio técnico?

Sucesso do Programa de maneira global

- ✓ Quais as ações de acompanhamento de egressos?
- ✓ Há organicidade no Programa? O Programa está pulverizado em termos de pesquisa?
- ✓ Como é avaliado o compromisso do Programa em relação à inclusão e à diversidade?
- ✓ O Programa monitora o fluxo de formação?
- ✓ O Programa monitora as taxas de conclusão e aprovação?
- ✓ Há oferta de atividade extracurricular – e política de incentivo à participação acadêmico-científico dos alunos e professores?
- ✓ Quais as políticas de inovação e seus resultados (amplo sentido)?
- ✓ Quais as políticas de internacionalização e seus resultados?
- ✓ Quais as políticas de inclusão social e seus resultados?

Figura 3: Questões norteadoras propostas para os Programas de Pós-Graduação

Postos esses referenciais do documento apresentado pela CAPES, a proposta institucional para o processo de autoavaliação dos Programas de Pós-Graduação da UFBA apoia-se em quatro pilares

apresentados de forma visual na Figura 4. Tais pilares reportam-se, especialmente, às etapas 1 e 2 apresentadas anteriormente apresentando linhas gerais das decisões técnicas que devem estruturar o projeto de cada curso. Decisões mais específicas – especialmente referente a indicadores, estratégias metodológicas para conduzir as discussões ou mesmo para levantar dados complementares devem ser definidas pelo próprio Programa.

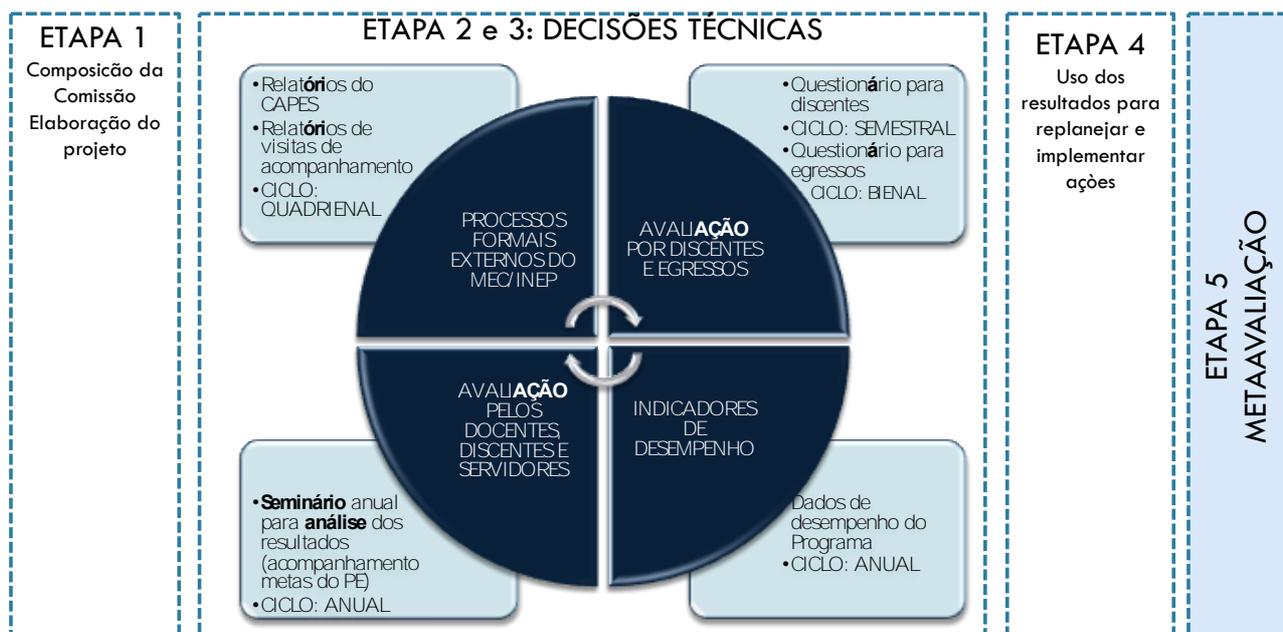


Figura 4: Descrição do processo de autoavaliação dos PPGs da UFBA

Elementos que detalham as cinco etapas propostas encontram-se no Anexo 2 do referido documento do GT de Autoavaliação. Tais elementos podem ser incorporados pelos Programas no seu projeto específico. É preciso, a exemplo do que ocorreu com o Planejamento Estratégico (PE), definir uma comissão que coordenará o processo de autoavaliação, podendo ser a mesma ou não que conduziu o PE.

Serão descritos e detalhados a seguir os quatro pilares básicos que estruturam os elementos técnicos do projeto institucional da UFBA. Eles buscam conferir um padrão mínimo de estruturação, assegurando que todos os programas disponham de um conjunto básico de informações como base para a sua autoavaliação.

1. PROCESSOS FORMAIS E EXTERNOS DE AVALIAÇÃO

Como indicado para a elaboração do seu planejamento estratégico como ponto de partida para o seu autodiagnóstico, a apropriação, pelo grupo, dos resultados das avaliações externas é um requisito importante. Os relatórios das avaliações anteriores, quando existentes, podem ser um ponto de partida

para identificar aspectos fortes e fracos do Programa, nas diferentes dimensões em que ele foi avaliado. O desempenho do Programa no quadriênio anterior é, portanto, o ponto de partida para o estabelecimento de metas de melhorias que vão integrar o planejamento estratégico.

Na elaboração do planejamento estratégico orienta-se que o levantamento de pontos fortes e fracos ocorra por itens que integram os três quesitos da ficha de avaliação: Proposta de Programa, Formação e Impactos na Sociedade.

Como apresentado, também, o planejamento estratégico deve chegar ao ponto de propor um plano de ação, com metas anuais que definem as prioridades do programa para superar suas possíveis fragilidades. Esse plano de ação é a ferramenta básica para todo o processo de monitoramento do Programa ao longo do novo período de avaliação.

Para além do exame dos relatórios de avaliação do Programa, sugere-se que os Programas tenham acesso a relatórios de avaliação externas dos cursos de graduação com os quais mantém algum vínculo e dos quais recebem candidatos para os seus processos seletivos. Os relatórios do INEP oferecem insumos importantes sobre o desempenho dos alunos no ENADE assim como da avaliação que os mesmos fazem do seu processo de formação. A consulta a esse material, quando pertinente, busca aprofundar a relação entre a pós-graduação e a graduação, ampliando os seus impactos recíprocos.

A indicação da análise do desempenho do Programa a partir das avaliações externas já disponíveis tem o objetivo de fazer com que os relatórios encaminhados pela CAPES sejam efetivamente mais utilizados como elementos no processo autoavaliativo.

2. AVALIAÇÃO POR DISCENTES E EGRESSOS

As percepções dos discentes e dos egressos sobre o curso que realizam ou realizaram são insumos importantes para qualquer avaliação educacional. Neste sentido, a UFBA, através da sua Superintendência de Avaliação e Desenvolvimento Institucional (SUPAD) e com o apoio da Superintendência de Tecnologia de Informação (STI), viabilizará, no sistema SIGAA, a coleta de dados avaliativos de alunos e egressos, disponibilizando-os a todos os programas dentro da periodicidade definida.

Enquanto a avaliação dos discentes volta-se para levantar informações sobre o seu processo de formação ao longo do curso, a avaliação dos egressos centra-se no impacto que o curso teve na sua carreira profissional.

A Figura 5 apresenta a estrutura dos diferentes instrumentos que serão usados para captar a avaliação dos discentes e egressos de todos os Programas da UFBA.



Figura 5: Características dos instrumentos para avaliação de discentes e egressos da Pós-Graduação

Os questionários de discentes e de egressos estão estruturados em um modelo geral abrangendo dimensões e elementos comuns a todos os cursos de PG. No entanto, sabemos das especificidades que cercam determinados cursos ou mesmo áreas de conhecimento/atuação, em termos de recursos de ensino, infraestrutura para pesquisa ou, até mesmo, resultados esperados dos seus alunos e egressos. Isto já se tornou evidente, por exemplo, para a área de Artes. Está em processo de discussão com a área de tecnologia a possibilidade de customizar os instrumentos, se não para cada curso, mas para cada área de conhecimento, de modo a que itens possam ser adicionados para atender a tais singularidades.

3. INDICADORES DE DESEMPENHO

Esse terceiro pilar do processo de autoavaliação inclui a construção de um processo de levantamento sistemático de dados de desempenho do programa (de alunos, de docentes, de produção) que permitam, naqueles aspectos considerados relevantes pela área do curso na Capes, monitorar, ao longo do quadriênio, o desempenho do Programa. Se tais indicadores são mapeados anualmente, é possível detectar dificuldades e buscar saná-las ainda ao longo do quadriênio.

A título de sugestão, a Figura 6 apresenta uma lista não exaustiva de indicadores que podem ser adequados para cada Programa.

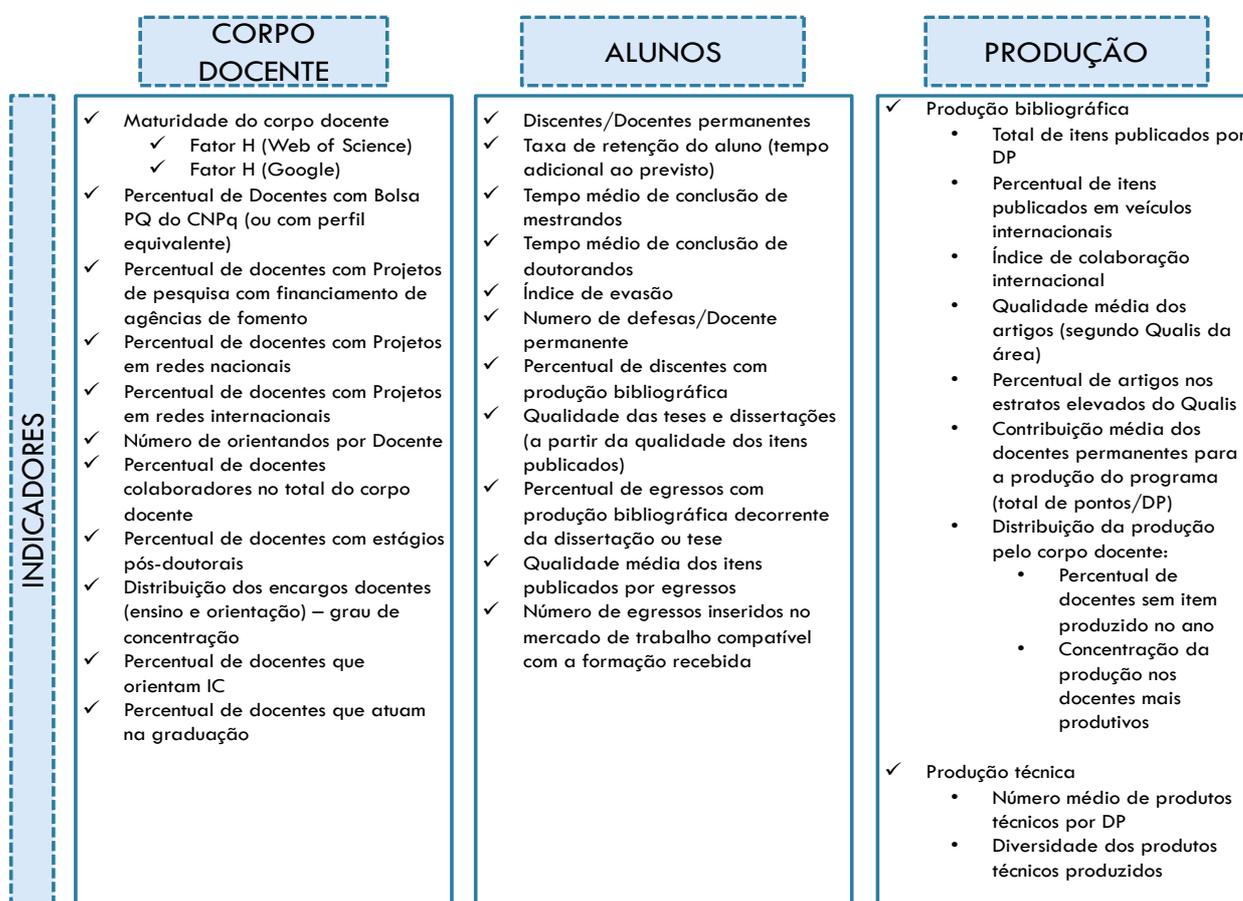


Figura 6: Lista de possíveis indicadores a serem monitorados pelos PPGs da UFBA.

Tais indicadores de natureza quantitativa não esgotam, certamente, o leque de indicadores utilizados pelas áreas, muitos dos quais são qualitativos e, portanto, dependentes da avaliação dos consultores.

Cada Programa, a partir dos indicadores utilizados por sua área de avaliação na Capes, deverá identificar os indicadores relevantes a serem monitorados. Há de ser um trabalho específico de cada

Programa, pela diversidade de indicadores usados pelas diferentes áreas de avaliação. A partir da classificação dos itens produzidos, por exemplo, cada área desenvolve fórmulas próprias para avaliar a qualidade da produção bibliográfica de cada Programa.

A ideia, neste momento, não é reproduzir os índices utilizados por cada área para realizar esse monitoramento. Mas é a de acompanhar os dados mais brutos que servirão de base para o cálculo dos índices pelas comissões de Área.

Um outro conjunto de indicadores poderá ser necessário para monitorar e avaliar as metas definidas pelo Programa no seu plano de ação, decorrente do seu planejamento estratégico. O mesmo se aplica para indicadores qualitativos referentes à proposta do curso e o seu impacto social. O quesito III - Impactos na sociedade, pela sua novidade é aquele que demandará mais trabalho para a construção de indicadores de tais impactos. Até o momento, o impacto na sociedade em algumas áreas tem incluído o impacto das produções bibliográficas (referente ao primeiro item que se refere ao caráter inovador e impacto da produção bibliográfica). Os impactos sociais, constante do item 2, possivelmente envolvem elementos mais qualitativos e bem específicos de cada área, pela natureza diversa de ações, projetos ou programas de extensão, de transmissão de conhecimento ou tecnologias para a sociedade.

4. AVALIAÇÃO PELOS DOCENTES, DISCENTES E SERVIDORES

O conjunto de dados coletados e sistematizados nas etapas anteriores devem ser discutidos, socializados e debatidos pelo Programa. Só assim, os resultados podem se transformar em revisão dos planos de ação, definição de novas metas, definição de novos projetos.

A proposta é que cada programa, ao término do ano letivo, realize um seminário de avaliação envolvendo docentes, alunos e servidores. Os resultados do seminário podem subsidiar o trabalho de preenchimento da Plataforma Sucupira por parte da Coordenação do Curso. A sistemática do seminário seria definida por cada Programa, considerando a sua cultura e história.

Seria recomendado que nesse seminário houvesse a participação de docentes externos (ao Programa e à UFBA) para que pudessem colaborar no sentido de ampliar o diagnóstico das dificuldades e avanços do Programa ao ano. Para os programas de nota 6 e 7 seria recomendado que pelo menos um membro externo fosse um pesquisador estrangeiro.



III - O PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA: anteprojeto do seu processo de autoavaliação

O Programa de Pós-Graduação em Psicologia, como apresentado no documento relativo ao seu planejamento estratégico, não chegou a validar, coletivamente, o plano de ações decorrente do diagnóstico realizado em seminário ao final do ano de 2019.

Em relação ao seu projeto de autoavaliação, a comissão responsável pelo planejamento estratégico contou com a contribuição especial da Profa. Sonia Maria Guedes Gondim, pela experiência acumulada em condução de processos avaliativos, inclusive na pós-graduação. O que é apresentado a seguir pode ser considerado um anteprojeto que ainda não foi discutido no Programa pelo conjunto dos seus integrantes. A previsão é que tal projeto fosse discutido em um seminário no início do período letivo de 2020, junto com a conclusão do planejamento estratégico (plano de ação). Essa ação não se tornou possível em função da pandemia do Covid-19 e a suspensão das atividades acadêmicas.

Vale ressaltar, no entanto, que o seminário realizado em dezembro de 2019 no qual foi discutido e formalizado o diagnóstico dos pontos fortes e fracos para o planejamento estratégico já cumpriu as atividades previstas para o primeiro pilar do projeto institucional de autoavaliação: naquele diagnóstico utilizou-se largamente as informações dos relatórios de avaliação externa pela CAPES; resultados de avaliações realizadas em períodos anteriores no âmbito do próprio Programa; as avaliações de docentes externos que passaram pelos Seminários de Qualificação e pelas comissões de credenciamento e credenciamento de docentes.

Com o retorno das atividades, pretende-se dar continuidade ao planejado, submetendo à discussão coletiva o pré-projeto aqui apresentado. Possivelmente o presente anteprojeto deverá incorporar definições mais específicas previstas no modelo institucional, especialmente no que se refere aos indicadores que serão utilizados para monitorar continuamente o desempenho do Programa como um todo, dos seus docentes e discentes.

PROJETO MonitoraPsi

O relatório do grupo de trabalho da CAPES sobre orientações de processos de autoavaliação de programas de pós-graduação e publicado em 2019 informa sobre o redimensionamento do foco a ser dado na avaliação do órgão. Até então o sistema de avaliação da CAPES colocava o seu foco na análise

dos resultados dos PPGs para então proceder à sua avaliação. A diretriz que passa a ser adotada é a de acompanhar os processos de autoavaliação dos PPGs, ou seja, analisar os critérios e procedimentos adotados pelo próprio programa para gerar insumos que orientem o seu autoaperfeiçoamento.

Depreende-se daí a valorização de processos de autoaprendizagem dos PPGs mediante dispositivos e mecanismos de automonitoramento, reunindo informações qualificadas para a tomada de decisão e de correção de rumos. Em respeito a essa diretriz e também ao Plano de Desenvolvimento Institucional da UFBA, o PPGPsi estruturou a proposta descrita a seguir.

O processo de autoavaliação continuada do PPGPsi, denominado de **MonitoraPsi**, tem como objetivo assegurar a qualidade da formação na pós-graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da UFBA em três dimensões: formação acadêmico-científica, produção do conhecimento e impacto social. A seguir serão apresentados detalhes sobre o processo de avaliação de cada dimensão, incluindo questões orientadoras das discussões necessárias a cada dimensão.

1. Formação acadêmico-profissional

O PPGPsi tem um sério compromisso com a formação de futuros docentes que se mostrem aptos a atuarem com competência no ensino superior. Espera-se que o egresso não somente tenha domínio conceitual, mas faça uso de técnicas didático-pedagógicas que ajudem o seu aluno a diferenciar o conhecimento oriundo de fundamentos teórico-metodológicos e evidências empíricas, do mero pseudoconhecimento. Torna-se importante, então, avaliar se a estrutura curricular e a qualidade das aulas ministradas no PPGPsi permitem que os estudantes de mestrado e doutorado consigam desenvolver repertórios que os habilitem a atender a este objetivo de formação. No Quadro 1 a seguir apresentam-se detalhes sobre os aspectos que serão considerados na avaliação desta dimensão, técnicas de coleta de dados e atores envolvidos. Certamente que poderiam ser abordados outros aspectos, mas tendo em vista que o **MonitoraPsi** é uma proposta piloto procurou-se eleger aqueles que possuem um papel chave quando da concepção do programa. Oportunamente outros aspectos poderão ser acrescentados após esta implantação.

Quadro 1: Detalhamento da autoavaliação da Dimensão 1 – Formação acadêmica-profissional

Aspectos avaliados	Foco específico	Estratégias de coleta informações e atores envolvidos	Periodicidade e responsabilidade
--------------------	-----------------	---	----------------------------------



Estrutura curricular e Metodologia de ensino	Oferta de disciplinas: número e qualidade	<ul style="list-style-type: none"> • Grupo focal composto por representantes de alunos e docentes do curso de mestrado • Grupo focal composto por representantes de alunos e docentes do curso de doutorado • Dados obtidos nos questionários de discentes e egressos (disponibilizado no Sistema SIGAA) 	Anual Coordenação Representantes de Linhas de Pesquisa
	Carga horária das disciplinas		
	Estratégias pedagógicas docentes		
Sistema de avaliação processual	Seminários de qualificação I e II Exame de qualificação no doutorado	<ul style="list-style-type: none"> • Grupo focal com participantes (alunos e docentes) Seminário de Qualificação I e outro grupo com participantes do Seminário II • Grupo focal com doutorandos e docentes da qualificação • Dados obtidos nos questionários de discentes e egressos (disponibilizado no Sistema SIGAA) 	Anual Comissão responsável pelos seminários e qualificação
Formação docente	Estágio docente	<ul style="list-style-type: none"> • Grupo focal com alunos da atividade • Dados obtidos nos questionários de discentes e egressos (disponibilizado no Sistema SIGAA) 	Anual Docente responsável pela atividade
Formação em pesquisa	Atividades de pesquisa. Domínio de ferramentas metodológicas e técnicas. Domínio de métodos de análise de dados Domínio de redação científica	<ul style="list-style-type: none"> • Criação de um banco de dados para registro das informações • Análise das fichas de avaliação das atividades de pesquisa orientada • Dados Sucupira • Dados obtidos nos questionários de discentes e egressos- (disponibilizado no Sistema SIGAA) 	Anual Coordenação Representantes de Linhas de Pesquisa

A estrutura curricular é a espinha dorsal do PPGPsi. É preciso ter clareza se as disciplinas e as cargas horárias previstas para cada uma delas mostram-se suficientes para oferecer domínio conceitual aos pós-graduandos nas respectivas áreas e linhas de pesquisa a que se vinculam. Será que as estratégias pedagógicas utilizadas pelos docentes conseguem potencializar o aprendizado do estudante para fins de aplicação no exercício de sua docência? O sistema de avaliação de aprendizagem das disciplinas e do andamento do projeto de pesquisa estariam gerando insumos para o estudante identificar seus pontos fortes e fracos e assim orientar o seu autoaperfeiçoamento como estudante autônomo?

Presume-se que o estudante de pós-graduação seja autônomo intelectualmente, quando comparado ao estudante de ensino médio e de graduação, estando mais apto a se engajar em um processo ativo de aprendizagem. Além disso, é preciso também saber se a experiência de estágio docente está ajudando no processo de inovação pedagógica e oferecendo modelos de estratégias alternativas para motivar e engajar o estudante universitário em sua aprendizagem, hoje um grande desafio no ensino superior.

Há um conjunto de atividades importantes para a formação de um pesquisador que envolve processos de socialização informal. Muitas vezes eles não se mostram formalmente estabelecidos, dependendo da iniciativa do estudante no processo de busca da aprendizagem contínua e também das oportunidades que colegas e o orientador proporcionam.

Sendo assim, destaca-se a importância de se conhecer melhor como os estudantes se engajam em processos de socialização e aprendizagem formais e informais durante a sua formação. Uma pergunta se faz necessária: o que seria mais benéfico para a formação de futuros pesquisadores? Podemos aventar duas opções: a) a criação de espaços formais como os grupos de pesquisa, que oportunizam maior compartilhamento de experiências e projetos entre os estudantes de pós-graduação sob a coordenação do(a) orientador(a), e b) a criação de espaços físicos de compartilhamento para que os estudantes possam trocar experiências com os demais não pertencentes ao grupo de pesquisa de origem. Mas será que necessariamente elas se opõem? Não poderiam ser complementares? A ciência cada vez se mostra como um empreendimento coletivo e os PPGs ainda que enfrentem cada vez mais dificuldade de os estudantes permanecerem dedicados integralmente às suas atividades, precisa criar espaços de convivência para que a troca ocorra.

A redação científica, no entanto, requer outros tipos de habilidades. Não é suficiente dominar normas e regras. Pode-se dominar regras, mas sem treino específico, dificilmente a qualidade da redação se aperfeiçoa. Isso envolve feedbacks contínuos de leitores, orientadores, avaliadores e colegas. A questão a responder é o quanto é viável incorporar esse tipo de treino em um espectro de formação de 24 meses no nível do mestrado para cumprir disciplinas, elaborar projeto de pesquisa, desenvolvê-lo, para enfim redigir os resultados? Que estratégias podem ser adotadas para potencializar esse tipo de treino durante esse relativo tempo? Se o estudante de mestrado se envolve apenas com o seu projeto, quais as chances de aperfeiçoar o seu treino como pesquisador e futuro docente?

Os dados obtidos pelos questionários dos alunos permitirão tratar dos demais aspectos e dimensões do processo formativo, com elementos mais específicos considerados por alunos e egressos como pontos que requerem aperfeiçoamentos.



2. Produção bibliográfica e técnica

A geração de novos conhecimentos exige o desenvolvimento de duas competências. A primeira é a teórico-metodológica, que se refere à capacidade de extrair do conhecimento acumulado questões e hipóteses de pesquisa relevantes para o avanço científico em determinado campo do saber. Faz parte dessa mesma competência a capacidade de eleger as melhores estratégias e procedimentos de coleta, tratamento e análise de dados para responder ao teste empírico das questões e hipóteses de pesquisa.

A segunda competência envolve a capacidade de o estudante de pós-graduação organizar o conhecimento produzido em uma forma textual, cuja forma e conteúdo atendam aos critérios de publicação científica na área. O quadro a seguir apresenta em detalhes os aspectos a serem contemplados na avaliação desta dimensão, técnicas a serem utilizadas e os atores envolvidos.

Quadro 2: Detalhamento da autoavaliação da Dimensão 2 - Produção Bibliográfica e Técnica

Aspectos avaliados	Foco específico	Estratégias	Participantes/responsáveis e periodicidade
Produção Docente	Qualidade da produção bibliográfica Contribuição média de docentes para o desempenho do Programa Atendimento critérios credenciamento do Programa Atendimento critérios esperados pela Coordenação de Área Produtos mais significativos por docente	Discussão dos dados coletados e dos indicadores calculados	Anual Coordenação Representantes de Linhas de Pesquisa
Produção discente	Qualidade da produção bibliográfica Coautorias	Discussão dos dados coletados e dos indicadores calculados	Anual Coordenação Representantes de Linhas de Pesquisa
Produção de egressos	Atendimento da expectativa de produção de itens decorrentes do trabalho final. Qualidade da produção bibliográfica	Discussão dos dados coletados e dos indicadores calculados	Anual Coordenação Representantes de Linhas de Pesquisa
Produtos técnicos	Volume da produção técnica e sua pertinência às linhas de pesquisa Qualidade dos itens produzidos	Discussão dos dados coletados e dos indicadores calculados	Anual Coordenação Representantes de Linhas de Pesquisa

Conquanto exista uma mudança no processo de avaliação da CAPES que minimiza o excessivo papel que a produção bibliográfica desempenhou nas avaliações anteriores dos programas, a produção



bibliográfica continua sendo um produto indispensável a um programa de pós-graduação e a sua qualidade passa a ter um papel mais destacado no processo de avaliação.

A partir dos dados sistematizados de produção - de docentes, discentes e egressos - busca-se discutir: em que medida tal produção é consistente com as linhas de pesquisa do Programa? Em que medida a produção é bem distribuída no grupo de docentes, não havendo excessiva concentração em alguns docentes? Qual a qualidade da produção bibliográfica, especialmente dos artigos produzidos? Ela atende as expectativas de desempenho de um programa nota 6 na área? Qual o grau de internacionalização da produção bibliográfica? Os discentes estão engajados, na sua maioria, na produção, especialmente os alunos de doutorado? As dissertações e teses têm gerado itens publicados em bons veículos? Qual a qualidade da produção dos egressos? Como se revela a produção dos recém ingressos no Programa? O que pode ser feito de modo a que jovens doutores e recém ingressos no programa possam consolidar seus grupos de pesquisa e a sua produção bibliográfica?

3. Impacto social

A terceira e última dimensão do **MonitoraPsi** se refere a três aspectos: efetividade para formar professores qualificados para o ensino superior, capacidade de produzir conhecimento acessível ao público não especialista e também desenvolver projetos de pesquisa e intervenção em parceria com a comunidade, cumprindo a função social de uma universidade pública. Novas competências são, portanto, requeridas. A que gostaríamos de ressaltar nesta seção é a da flexibilidade para adequar o repertório adquirido a contextos diferenciados, usando técnicas e linguagem pertinentes a tais contextos. Requer ainda capacidade de analisar a situação local, recuperar o repertório adquirido e adequá-lo ao público-alvo para, enfim, alcançar os objetivos pretendidos.

Quadro 3: Detalhamento da autoavaliação da Dimensão 3 – Impactos Sociais

Aspectos a serem avaliados	Foco específico	Estratégias/participantes	Responsáveis/Periodicidade
Transferência de conhecimento	Produção de material didático Oferta de cursos e produtos para a comunidade Projetos permanentes de pesquisa associados a prestação de serviços	<ul style="list-style-type: none">• Banco de dados com as informações do programa• Dados Sucupira	Anual Coordenação Representantes de Linhas de Pesquisa

 UFBA	PROJETO INSTITUCIONAL DE AUTOAVALIAÇÃO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA	
---	--	---

Formação de redes sociais e interorganizacionais	Projetos de pesquisa em parceria Projetos de intervenção que envolvam comunidades e entornos Parcerias com outras entidades e órgãos públicos e privados Internacionalização do Programa (produção, institucionalização)	<ul style="list-style-type: none"> • Dados Sucupira • Banco de dados do programa 	Anual Coordenação Representantes de Linhas de Pesquisa
Visibilidade	Alcance das ações do Programa Presença do Programa nas redes sociais	<ul style="list-style-type: none"> • Dados Sucupira • Banco de dados do programa 	Anual Coordenação Representantes de Linhas de Pesquisa
Inserção e atuação do egresso	Inserção do egresso no mercado de trabalho e papéis desempenhado Impactos no sistema educacional Impacto na prestação de serviços em Psicologia	<ul style="list-style-type: none"> • Dados da pesquisa de egressos 	Anual Coordenação Representantes de Linhas de Pesquisa

Avaliar a efetividade de um PPG não é tarefa fácil, considerando que a visibilidade de resultados tarda um pouco a aparecer. Assim, avaliar a presença do Programa nas redes sociais se torna importante pelo que elas potencializam a difusão de conhecimentos e amplia o espaço de debates sobre os saberes e práticas da Psicologia.

A transferência de conhecimento, outro aspecto a ser considerado, pode ser avaliada sobretudo pelos programas permanentes que articulam pesquisa e intervenção, contribuindo para solução de problemas em grupos sociais ou comunidades específicas.

A formação de redes e parcerias interorganizacionais, por outro lado ajudam a avaliar as articulações construídas pelo Programa que potencializam a concretização de seus objetivos e o impacto dos resultados de suas pesquisas, assim como a transferência de conhecimentos e tecnologias para setores específicos. A construção de redes de parcerias será útil para buscar indicadores de institucionalização do processo de internacionalização do Programa.

Torna-se obrigatório incluir egressos nessa avaliação, pois informações de onde eles estão inseridos, o que fazem e o que conquistaram profissionalmente ajudam a avaliar o que direta ou indiretamente a formação no PPGPsi contribuiu para este desfecho.

Procedimentos: formas de operacionalização do MonitoraPsi

Durante este primeiro semestre de 2020 será constituída uma comissão MonitoraPsi com representantes docentes e discentes das três linhas de pesquisa do PPGPsi, quatro egressos de diferentes linhas de pesquisa que estejam atuando profissionalmente como docentes pesquisadores e dois servidores técnico-administrativos. Uma vez constituída a comissão serão analisados os termos desta proposta, as dimensões e os aspectos previstos para serem avaliados.

A comissão se encarregará de sistematizar os dados gerados pelos levantamentos do programa e pelas pesquisas institucionais com discentes e egressos, assim como ficará responsável por conduzir os grupos focais, conforme a disponibilidade.

Os insumos gerados serão analisados pela própria comissão do **MonitoraPsi** que ficará encarregada de propor ações de melhorias dividindo-as em ações imediatas (de fácil aplicação), ações de médio prazo e ações de longo prazo. Somente as ações imediatas poderiam ser colocadas em prática no semestre subsequente.